

Homoerotismo no Principado Romano e o polêmico trabalho com gênero na educação básica: uma proposta de material didático

Dandara Perlin Pereira¹
Henrique Hamester Pause²

Resumo: Os estudos sobre questões de gênero e “sexualidade” no Império Romano têm crescido nas pesquisas atuais das universidades brasileiras. No entanto, o assunto ainda apresenta inúmeras barreiras para se chegar às escolas de Educação Básica. O objetivo deste artigo é apresentar aspectos sobre esta temática, propondo uma abordagem em sala de aula, direcionada aos/as professores/as do Ensino Básico, acompanhado por leituras acadêmicas que podem atualizar o/a professor. Para isso, foi realizado um estudo historiográfico sobre aspectos centrais em relação à construção da masculinidade e o homoerotismo entre homens no período do Principado Romano e proposto um capítulo didático sobre a Sociedade Romana do período do Principado, incorporando questões de gênero em meio à apresentação de aspectos sociais.

Palavras-chave: Ensino de História Antiga; Gênero e “Sexualidade”; Principado Romano.

Homoeroticism in the Roman Principate and the controversial gender approach in primary and secondary school: proposing didactic material

Abstract: Studies on gender and “sexuality” issues in the Roman Empire have grown in the current research of Brazilian universities. However, the subject still presents numerous barriers on the way to Elementary and High Schools. This paper aims to display some of this theme’s aspects, proposing an approaching in classroom directed to the teachers, accompanied by academic readings that can update the professional. Thus, we carried out a historiographic study out on central aspects regarding the construction of masculinity and homoeroticism between men in the period of the Roman Principate and a didactic chapter on the Roman Society of that period was developed, incorporating gender issues amid the presentation of social aspects.

Keywords: Ancient History Teaching; Gender and “Sexuality”; Roman Principate.

Introdução

Atualmente, apesar de ser uma categoria de estudo em destaque nas pesquisas e ser tema de debate cotidiano nas mídias nacionais e internacionais, as questões relacionadas ao *gênero* ainda recebem muita resistência por parte de setores conservadores da sociedade brasileira no que diz respeito à sua inserção como temática de estudo e debates

¹ Graduanda em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo da UFSM – GEMAM/UFSM. Bolsista do Programa de Licenciaturas – PROLICEN/UFSM no projeto “História Antiga e fronteiras entre o saber escolar e acadêmico: uma busca de integração por meio da produção de materiais didáticos voltados ao debate de gênero em sala de aula”, sob a orientação da Prof. Dra. Semíramis Corsi Silva. E-mail: dandaraperlin@outlook.com.

² Graduando em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo da UFSM – GEMAM/UFSM. Bolsista FIPE de Iniciação científica, pesquisa vinculada ao Projeto “Fronteiras Culturais na Busca por Antiguidades Plurais: Gênero, “Sexualidades”, Magia e Identidades”, sob a orientação da Prof. Dra. Semíramis Corsi Silva. E-mail: henriquepause@hotmail.com.

nas salas de aula da Educação Básica.³ Por meio de experiências de estágio dos autores deste texto foi possível perceber a existência de um enorme distanciamento entre os saberes produzidos nas universidades e o conhecimento que tem sido produzido e transmitido nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. A facilidade em se discutir gênero e sexualidade em eventos acadêmicos e a cautela com que os mesmos são abordados nas escolas refletem as divergências e os abismos entre estes espaços de aprendizagem e produção de saberes.

Diante disso, cumpre ressaltar que é necessário observar que o papel da escola não é reproduzir os conhecimentos elaborados nas universidades. No entanto, como aponta o sociólogo Richard Miskolci (2012), a escola costuma funcionar como um importante espaço de normalização social em que, muitas vezes, crianças e adolescentes reprimem características consideradas socialmente abjetas de forma a enquadrarem-se em um padrão hegemônico heteronormativo.

Nesse sentido, acreditamos e defendemos que é buscando evitar a violência que as pessoas “fora do padrão” normativo de gênero imprimem sobre si mesmas para se adaptarem, bem como a violência sofrida por não se adaptarem aos valores heteronormativos e masculinos hegemônicos, que o debate de gênero é necessário nas escolas. Assim, em nosso entendimento, os debates e conhecimentos historiográficos tão em voga nas universidades têm grande potencial de contribuição nas escolas da Educação Básica, especialmente para a disciplina de História, potencialmente interessante para o trabalho com diferentes e desconstrução de etnocentrismos.

Diante disso, neste artigo, pretendemos apresentar possibilidades de trabalho com gênero no ensino de História a nível fundamental, utilizando para isso as relações homoeróticas e o amor entre homens como um aspecto central na compreensão da sociedade do Império Romano, e não como um tópico à parte ou uma simples curiosidade. Para isso, preparemos um capítulo didático, colocado neste artigo como um Apêndice

³ Como exemplo, pode-se citar o material “Escola sem Homofobia”, vetado pela Presidência da República em 2011 pela pressão de setores conservadores que, veiculando protestos especialmente por meio da Internet e de redes sociais, deixaram-no conhecido pejorativamente como “kit gay” (Fonte: <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>>. Acesso em: 28 dez. 2017). Da mesma forma, recentemente, a vinda da filósofa Judith Butler sofreu duras críticas por grupos conservadores. Entrevistados, manifestantes contrários se colocaram de forma clara: “Eu, como pai de família, tenho pleno direito de defender que a minha filha seja heterossexual e educá-la assim ou como homossexual; é meu direito”, “As figuras de masculino e feminino são importantes até para os homossexuais, transexuais e outros. É através dali que eles tiram sua visão de mundo, se espelham naquelas figuras. Se você acabar com o masculino e o feminino, o que resta?”. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protestam-contrafilosofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 28 dez. 2017).

neste artigo, a fim de ser utilizado por professoras e professores do Ensino Fundamental em suas aulas de História do Império Romano. O capítulo foi elaborado pensando em poder ser lido pelas próprias alunas e alunos e/ou lido pelo professor para preparar sua aula. O conteúdo do mesmo trata-se da Sociedade Romana do Período do Principado, que são os séculos de afirmação do poder dos imperadores, pré-cristianismo, séculos I, II e meados do III da era comum.

Centramo-nos em debater aspectos sobre o homoerotismo entre homens para poder realizar um estudo mais focado no artigo e mesmo no capítulo didático proposto. Entretanto, fizemos algumas considerações no capítulo didático sobre a construção do feminino e mesmo sobre homoerotismo entre mulheres na sociedade romana antiga, visando que o/a professor/a que desenvolva o trabalho possa ter abertura para mais debates.

Cumpramos destacar que o conhecimento histórico apresenta-se como um discurso, e os discursos são representativos das visões de mundo de pesquisadoras/res e escritoras/res. A invisibilidade das questões de gênero, em especial do homoerotismo na Antiguidade, nos livros didáticos, corresponde a uma visão mais tradicional que não está acostumada, ou mesmo nega, a possibilidade do gênero como uma forma de compreensão da História, da mesma forma que nega a importância do debate das questões de gênero para o ensino da área. Partimos, portanto, da desnaturalização de conceitos como “sexualidade”, encaixando-o em seu contexto específico, o Principado Romano aqui analisado. Visamos, com isso, buscar uma maior compreensão das regras e padrões desta sociedade em seu próprio tempo, apresentando um exercício de reflexão histórica de questões de gênero a partir da percepção das diferenças.

Antes de apresentar o material, é importante fazer algumas considerações sobre nossas leituras em torno do homoerotismo entre homens no Principado Romano, considerações estas que serão as norteadoras em termos históricos do capítulo didático proposto.

1. Homoerotismo no Principado Romano: algumas considerações

Inicialmente devemos perceber que o conceito de homoerotismo é utilizado na historiografia para se trabalhar com cenas ou situações contemporaneamente vistas e identificadas como “homossexuais”, ou seja, práticas afetivo-sexuais entre pessoas consideradas do mesmo sexo. Desde as pesquisas clássicas de Michel Foucault, em sua *História da Sexualidade*, obra escrita em três volumes na década de 1980, já vimos que o

conceito de “sexualidade” é originado dos saberes médicos do século XIX, e, portanto, passa ser aplicável após essa data em uma relação entre saberes e poderes. Neste sentido, ainda que denominando os três volumes de sua obra de *História da Sexualidade*, ao tratar as questões de amor e relações sexuais na Antiguidade Clássica (volumes 2 e 3), Foucault prefere falar em *usos dos prazeres*.

Da mesma forma que o uso do conceito de sexualidade aparece a partir do século XIX, como vemos em Foucault, o conceito de heterossexual e homossexual, imprimindo uma condição a partir de uma prática, virá na esteira deste contexto e com os debates científicos oitocentistas. Não sendo, assim, cabível ao tratar das práticas afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo no contexto por nós estudado, o Principado Romano.

Assim como a historiografia tem feito usualmente, portanto, utilizaremos o conceito de homoerotismo e não homossexualidade, compreendendo o conceito de homoerotismo mais pertinente por não definir, como faz o uso do conceito de homossexualidade, uma identidade e uma condição humana, apenas práticas. Como explica Jurandir Freire Costa:

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível a “homossexualidade” ou “heterossexualidade” porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à ideia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos “homossexuais”, independentemente do hábito linguístico que os criou. Eticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomeação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico (COSTA,1992: 11).

As fontes romanas do período do Principado nos exemplificam e nos dão uma noção de como os romanos e romanas da elite entendiam os seus desejos homoeróticos, da mesma forma como podemos perceber como os mesmos tinham normas sociais e culturais bem estabelecidas e demonstradas também neste sentido, pelo menos a partir das lentes dos autores das fontes escritas no caso das normas, a saber; homens dos grupos privilegiados do Império Romano. Dentre estas fontes escritas destacamos as poesias de Marcial e Juvenal.

Os poetas Marcial e Juvenal viveram na efervescente e tumultuada Roma do século I EC, tendo, portanto, uma visão sobre o cotidiano da cidade onde essas práticas de desejo e amor entre homens ocorriam com grande frequência. O contexto histórico em que os poetas viveram foi um importante período de formação e construção de valores morais, éticos e identitários do Império Romano, ou seja, de ordenamento do que seria o Império

conquistado pelos romanos, que englobava diversos tipos de povos e culturas diferentes. Sendo assim, analisar a temática do homoerotismo nesses poemas é uma oportunidade de compreender como os romanos criaram regras morais e identitárias que, assim como as regras militares e políticas, também foram úteis para o ordenamento e identidade do Império.

É importante termos em mente que as obras de Marcial e Juvenal foram escritas pela e para a elite. Ambos os poetas eram *cliens*, ou seja, viviam na cidade de Roma através de serviços literários a homens de elite considerados seus patronos, servindo para os fins políticos/morais daqueles que os sustentavam. Nessas obras, então, veremos a criação de inúmeros discursos sobre o que significa ser um *uir* romano, o homem cidadão das elites de Roma, o que se espera dele na esfera social e de como isso se refletia e era refletido na esfera familiar/sexual. Sobre isso Lourdes Feitosa nos diz que:

O *Vir* traria consigo uma identificação de integridade física em dois aspectos: social, [...] e sexual, na medida em que a sua atividade “lícita”, “normal”, seria aquela que lhe caberia a ação de penetrar, de ser o ativo independente do gênero sexual do penetrado (seguindo, evidentemente, a norma social estabelecida para os aristocráticos: não penetrar outro cidadão, jovem ou adulto e mulheres aristocráticas, casadas, solteiras ou viúvas) (FEITOSA, 2005: 101).

Ou seja, em Roma, a virilidade se caracterizava, primeiramente, por uma classificação do comportamento político e, da mesma forma, afetivo-sexual, como ativo e não passivo. O *uir*, portanto, era aquele que penetrava sexualmente seu parceiro, seja qual for o modo de penetração, bem como o parceiro ou parceira a ser penetrado/a, seja homem (em especial escravos e/ou libertos e mulheres). Esse comportamento ativo é o que Jean-Paul Thuillier (2013) chama de modelo de virilidade. Segundo este historiador, em concordância com Feitosa (2005), “o *uir* é um macho, um marido ativo, aquele que já teve a primeira relação sexual com uma mulher. Aquele que é viril, ou seja, que assume a toga, marca de entrada na idade adulta” (THUILLIER, 2013: 77).

Como destaca Renato Pinto (2012: 117) a “identidade masculina em Roma estava baseada em uma espécie de distinção binária entre homens livres, que deveriam penetrar sexualmente, e qualquer outra pessoa, de qualquer gênero e status inferior, o penetrado”. Porém, uma crítica importante a essa noção é apresentada por Lourdes Feitosa e Glaydson da Silva, no capítulo de livro intitulado *O mundo antigo sob lentes contemporâneas* (2009), onde a autora e o autor destacam que:

[...] o modelo de virilidade e de controle social, emocional e sexual associado à aristocracia fundamenta-se na dedução de que aos seus “comandados”, ou seja, todos aqueles que não faziam parte da elite romana, seria “natural” a

função de passividade, de falta de controle e de submissão, tanto no campo social como sexual (FEITOSA; SILVA, 2009).

Nos poemas de Marcial e Juvenal também há uma crítica em relação aos homens afeminados, que possuíam trejeitos considerados como características femininas. A Sátira IX, encontrada no Livro III, conta com cento e cinquenta versos nos quais o autor irá criticar três coisas para ele consideradas como vícios: o sexo, o dinheiro e os estrangeiros. Estes três vícios, em nossa leitura, são elementos que aos olhos do poeta Juvenal, foram trazidos para a cidade de Roma com as expansões e com a “revolução cultural” que caracterizam a transição da República para o Império. Nesta sátira, Juvenal usa da “Persona satírica”, tratada aqui como sujeito-satírico, para estabelecer um diálogo entre ele e um *puer* chamado Névolo. *Puer* pode é considerado aqui como o jovem que exerce a função de passivo na relação. Ainda neste diálogo Juvenal insere um terceiro elemento que será o cidadão romano Virrão, patrão do *puer* Névolo. Névolo é representado logo no começo, quando sujeito-satírico questiona o ânimo e a aparência física do *puer* que, nos dá a entender, estava diferente e passava por cuidados de uma pessoa alegre e avarenta.

Quisera eu saber, ó Névolo, porque tu te
aproximas, triste, de mim tantas vezes, com a fronte franzida assim como
Mársias, vencido. O que há contigo com este semblante, tal qual o possuía
Ravola quando surpreendido, enquanto esfregava as virilhas de Ródope com
a barba úmida? Damos uma bofetada no servo que lambe o doce.

Não será mais miserável do que esta face a de
Crepereio Polião

(JUVENAL, *Sátiras*, Sátira IX, 1-6).

O sujeito-satírico apresenta-nos que Névolo passou por uma mudança drástica de vida. É aí, então que o *puer* começa seu verdadeiro desabafo contra o patrão Virrão. Sua principal reclamação é sua atual condição de vida. Sem receber o dinheiro correto de seu pagamento pelos favores sexuais realizados ao patrão, ele o acusa de ser um mesquinho e ingrato por tudo que já havia feito para lhe agradar até mesmo para salvar a pele de seu senhor. Mesmo gabando-se de o patrão possuir um grande membro viril, acusa-o de não ser o ativo da relação e que, apesar de ser rico, não o pagar em dia e nem agradá-lo com presentes, reclamando que seus esforços para agradar seu patrão são injustos e até desagradáveis.

Este gênero de vida é útil para muitos, mas daí meu trabalho não tem
nenhum prêmio. Algumas vezes, recebo as capas espessas, proteção da toga,
de cor lamacenta e desagradável e mal tocadas por um pente de um tecelão

gaulês, e pequena prata de mineral de segunda qualidade. O destino rege os homens e àquelas partes, que parte da roupa esconde, há destino. Pois se os astros desistem de ti, nada fará a medida ignorada do teu longo membro, ainda que Virrão com o lábio espumante tenha-te visto nu e que assiduamente solicitem cartinhas meigas e profundas.
(JUVENAL, *Sátiras*, Sátira IX, 27-36).

No verso trinta e oito, o próprio *puer* explica que não há nada mais vergonho do que ser efeminado e avarento, mas que se condicionava a essa situação pelo dinheiro em troca de seus favores. Como indica Cinthya Sousa Machado (2015: 37): “É digno de nota que a persona satírica censura os vícios de Névolo quanto ao dinheiro, já que este se prostitui para se manter, e de Virrão, quanto ao sexo, por ser passivo; e Névolo, por sua vez, crítica a avareza de seu amante.”

O poeta Marcial, da mesma forma, retrata aspectos dessa moral romana de atividade/passividade sexual quando escreve:

Se depilas teu peito, tuas pernas e teus braços, se tua verga, após o trabalho de depilação,
não se deixa cercar senão de penugens, é que tu,
Libieno (quem o ignora?), sonhas
em agradar tua mestra. Mas com quem sonhas tu,
Libieno, quando depilas tuas nádegas?
(MARCIAL, *Epigramas*, Epigrama 2, 62,).

Ou seja, Juvenal e Marcial usam do sujeito-satírico para fazer a crítica aos dois principais vícios da época, o sexo por dinheiro, que desmerecia o homem o colocando em situação até mesmo contra as leis romanas e a passividade na relação sexual, que ia contra a ideia de construção do *uir* romano. A palavra *uir*, por sua vez, remete a *uir*tus, entendida como padrões de comportamento dos cidadãos romanos. Padrões estes não só sexuais, mas refletidos e reflexos do próprio âmbito social (THULLIER, 2013). Além disso, é nítida a presença de termos como *puer* e a questão simbólica do pêlo, como elementos de distinção daquele que deve desempenhar o papel de ativo e daquele que deve representar o passivo numa relação homoerótica.

Assim, utilizando o conceito de símbolo de Geertz, interpretamos os pêlos enquanto um símbolo que faz parte da cultura romana, devendo guiar comportamentos em termos de virilidade e, da mesma forma, do que é considerado como feminino, bem como do que é romano e do que é seu oposto, o bárbaro, o que, entretanto, não visamos explorar neste trabalho por questão de tamanho do texto.

Concluimos desta forma, que a pilosidade ligada à virilidade é parte do universo simbólico dos romanos no período estudado, o que fica bem demonstrado nos poemas moralistas de Marcial e Juvenal. Ser ativo/ter pilosidade temperada é coisa do cidadão, do *uir*/viril/virtuoso e ser passivo/depilado é coisa de inferiores.

O fato de um homem livre romano não poder exercer a função passiva em uma relação sexual emitia um valor social sobre ele. Em Roma, sexo tinha a ver com dominação, com poder, logo ser dominado não era aceito, a não ser que fossem escravos, libertos, estrangeiros ou mulheres. Um cidadão romano só poderia ser agente (ativo), não submetido (passivo). O que vemos a partir destes poemas citados, portanto, é uma aproximação do cidadão romano com o que é considerado próprio de inferiores (mulheres e escravos), o que é duramente criticado pelos poetas.

Assim, ainda que tendo regras morais muito diferentes das nossas, os homens romanos das elites (o *uir* por excelência) não deixaram de praticar relações sexuais entre si e mesmo se relacionar afetivamente. Um exemplo disso é a relação entre o imperador Adriano (117-138 d.C.) e o garoto Antínoo, a quem o imperador dedicou várias estátuas, além de um obelisco monumental na cidade de Roma em homenagem ao seu apaixonado *puer*, morto muito jovem. Segundo Dulcineide Nascimento e Adriana Medeiros (s.d.: 25), Adriano

Foi tomado por uma grande tristeza quando o seu amante, Antínoo, se afogou no Nilo, em 130 d.C. Não se sabe precisamente se Antínoo caiu nas águas do Nilo, cometeu suicídio ou foi empurrado, mas, depois de sua morte, Adriano imediatamente o declarou um deus e fundou em sua memória a cidade de Antinópolis, no Egito, no local onde seu corpo foi encontrado. Muitas estátuas de Antínoo foram esculpidas em todo o Império Romano depois de sua morte.

Estabelecidas nossas leituras e aspectos fundamentais sobre as relações homoeróticas entre homens no Principado Romano, apresentaremos agora aspectos sobre o material didático que elaboramos e trazemos neste artigo.

2. O material didático aqui proposto

Foi partindo destas leituras de fontes, de estudos da historiografia e dos referenciais teóricos acima expostos, além da percepção da possibilidade e necessidade do debate de gênero nas escolas, que foi desenvolvido um material didático que apresentamos a seguir. Este material consiste em um capítulo de livro ou cartilha didático/a abordando os “Aspectos sociais do Principado Romano”, a ser utilizado com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. O capítulo foi elaborado no âmbito do projeto de iniciação científica

apoiado pelo Programa de Licenciaturas da UFSM – PROLICEN/UFSM, “História Antiga e fronteiras entre o saber escolar e acadêmico: uma busca de integração por meio da produção de materiais didáticos voltados ao debate de gênero em sala de aula”. Apesar de não ter sido aplicado às turmas da escola a qual o projeto é vinculado, o material aqui apresentado serviu como um experimento inicial para o material didático que está sendo desenvolvido como resultado final do projeto, um vídeo sobre mitos antigos e criação de papéis normativos para as mulheres.

O objetivo do material aqui apresentado é discutir a desqualificação do feminino e a repressão da sensibilidade masculina na contemporaneidade a partir do conceito de *uir* na sociedade de Roma do Principado.

Um marco reflexivo fundamental para este material foi a leitura do livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012), de Richard Miskolci. Neste livro, o autor busca voltar a educação para os anseios das crianças e adolescentes, em vez de prestar serviço ideológico ao Estado. Miskolci (2012: 40) aponta que “socializar-se (...) costuma ser um processo marcado por formas muito violentas de recusa, em si mesmo, do que a sociedade quer evitar como ‘contaminante’”. Assim, considerando que nas turmas junto das quais o projeto vem sendo desenvolvido predominam crianças de onze e doze anos, momento da adolescência, no qual as e os estudantes buscam cada vez mais sua individualidade frente à família, além de afirmações identitárias com os grupos de amigos, debater papéis de gênero é crucial. Além disso, Miskolci discute na obra tratada a questão do *bullying* na escola, que é observado também por nós enquanto ex-alunos e estagiários da educação básica, quando é muito presente a desqualificação de trejeitos ditos femininos como demonstração de incapacidade tanto em meninos, afetando, da mesma forma, as meninas.

O material aqui publicado foi apresentado pela estudante Dandara Perlin, uma das autoras deste artigo, em uma comunicação oral durante a IV Jornada de Estudos do GEMAM/UFSM, no final de maio de 2017, na Universidade Federal de Santa Maria. No momento de exposição deste material, algumas críticas e apontamentos foram feitos por pesquisadores da área de História Antiga presentes no evento. Aproveitando tais críticas, algumas modificações foram feitas no capítulo apresentado.

O aspecto principal do *uir* romano no que tange à “sexualidade”, a atividade nas relações sexuais tanto entre homens como do *uir* com mulheres, como mostrado neste artigo, havia sido incorporado de uma forma sutil, com o temor da polêmica que o trabalho com estas questões – especialmente entre crianças de onze e doze anos (para às

quais esse material se destina, estudantes do 6º ano) – poderia gerar. A partir das sugestões recebidas na ocasião do evento acima mencionado, a questão sexual foi substituída pelo “amor entre homens”, fazendo breves menções também ao amor entre mulheres, já que o andamento de nossa pesquisa ainda não nos permite nos aprofundar neste assunto.

Portanto, de forma breve, nas páginas a seguir, buscamos trabalhar questões que estão ausentes nos livros didáticos no corpo principal dos textos sobre Império Romano. Assim, como poderá ser percebido, não fizemos um material didático que se dedica a simplesmente tratar do homoerotismo e de questões de gênero no contexto proposto, fizemos um capítulo sobre a sociedade romana do Principado, colocando em meio dele questões de gênero, apresentando as mesmas como fundamentais para a compreensão de aspectos políticos e sociais daquele contexto e não algo à parte, seguindo, desta forma, as propostas de gênero como categoria de análise histórica da historiadora Joan Scott (1995).

Esperamos que este material possa ser útil para professoras e professores de História da Educação Básica, bem como possa ser útil para a luta por uma sociedade sem violências de gênero.

Referências bibliográficas

a) Documentação

JUVENAL. *Sátiras*. Tradução de Francisco Antônio Martins Bastos. São Paulo: Ediouro, s/d.

MARCIAL. *Epigramas* (Livros 1, 2, 3 e 4). Tradução, introdução e notas de José Guillén. 2003. Disponível em: <<http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/23/14/ebook2388.pdf>>. Acesso em: 26/01/2016.

b) Obras gerais

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FEITOSA, L. C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

_____. SILVA, G. J. da. O mundo antigo sob lentes contemporâneas. In: FUNARI, P. P; SILVA, M. A. de. O. (Orgs.). *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009, p.98-118.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. I. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1999.

_____. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Vol. II. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2010.

_____. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Vol. III. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2009.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 13-41.

_____. Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 278-321. 23.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2012.

NASCIMENTO, D.; MEDEIROS, A.. **Antinoo**: quando o amor transborda sob a forma de arte... [S.l.]: [s.d.], p.17-26. Disponível em: <http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/ojs/index.php/principia/article/download/6695/4776>. Acesso em 5 jan. 2018.

RIBEIRO JR., B. I. **Para além da heteronormatividade**: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C.). Dissertação de Mestrado defendida na UNESP/Assis, 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

THUILLIER, J-P. Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, v.1, p.73-124.

APÊNDICE

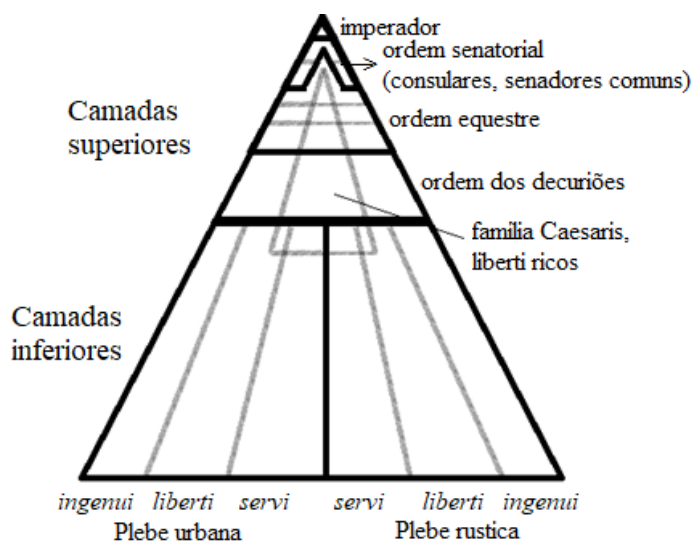
Aspectos sociais do Principado Romano

O período chamado de “Principado Romano” é o momento anterior à oficialização do cristianismo e divisões oficiais administrativas do Império Romano em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. Instituído por historiadores/as, tem início no final do século I antes da era comum, estendendo-se até meados século IV da era comum.

A sociedade no período do Principado Romano tinha uma forma de se organizar muito diferente da que vivemos atualmente. A figura mais importante era o imperador, a quem os súditos deviam prestar culto, assim como prestavam a seus deuses, embora os imperadores vivos não fossem considerados deuses, mas homens de comando e inteligência. Apesar de as mulheres não assumirem o poder de forma direta, elas tinham grande importância como esposas e mães dos imperadores, influenciando muitas vezes as decisões tomadas por eles, no caso das mulheres das elites. Já as mulheres comuns, estas tinham vidas um pouco mais fora das convenções às quais as aristocratas estavam limitadas.

Abaixo do imperador, vinha a ordem senatorial, um grupo pequeno de homens e muito seletivo, estes eram proprietários de terras. Estes homens, em sua juventude, eram educados por suas famílias para o futuro exercício de cargos públicos, nos estudos do direito, oratória e artes militares, dentre outros. A ordem equestre, abaixo da senatorial, era mais numerosa, chegando aos milhares. Não era tão homogênea quanto a ordem dos senadores, porque, como ela não era necessariamente hereditária, os homens ingressavam por prestígio, o que significava que eles provinham dos mais diversos estratos sociais e atividades econômicas. Havia ainda as elites das cidades das províncias, que exerciam a magistratura local e normalmente construíam as obras públicas, chamada de ordem dos decuriões (na parte de fala latina do Império – parte ocidental) ou bouleutas (na parte grega – parte oriental). Parte destes homens das elites provinciais aos poucos foi sendo incorporada à ordem senatorial romana como forma de ascensão social e através de relações com os imperadores romanos.

Pirâmide social do Principado Romano



Fonte: Adaptado de ALFÖLDY, G.. A organização social do Alto Império. In: _____. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 161.

Um aspecto muito importante da sociedade romana nesse período é que, muitas vezes, mesmo que a pessoa não pertencesse a uma das ordens (senatorial, equestre, dos decuriões/bouleutas), se ela fosse rica, seu prestígio, seu *status*, poderia ser equivalente ou mesmo maior que um membro de uma das ordens superiores. É o caso de muitos escravos libertos (*liberti*) que se tornavam ricos por meio do comércio, por exemplo, e que algumas vezes também dispendiam grandes somas para fins públicos. Os *liberti* diferiam dos *ingenui*, as pessoas nascidas livres. Havia também divisões entre a plebe urbana (*plebs urbana*) e rural (*plebs rustica*), e de forma geral, a vida dos escravos nas cidades, por exemplo, era melhor do que no campo. Escravos de minas, por exemplo, tinham condições muito ruins de vida. Enquanto escravos imperiais podiam alcançar grande prestígio quando libertos.

A escravidão no Império Romano é muito diferente da escravidão colonial nas Américas. A noção de **escravo/a** enquanto propriedade, e não como indivíduo, de fato é inspirada no direito romano, e nos dois casos pessoas escravizadas compõem uma parcela significativa da população do local. No entanto, a diferença reside no fato de que escravos e escravas romanos/os tinham uma inserção maior na sociedade. Escravos/os das áreas urbanas muitas vezes eram especializados/as em ofícios específicos, administravam negócios, e tornavam-se capazes de comprar suas alforrias e mesmo tornar-se muito ricos. Porém, seguiam carregando a categorização de liberto/a (*liberti*).

Fonte: GUARINELLO, Norberto. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 227-246 – 2006.

Como exemplo dessa temática, sugerimos que assista ao filme *Ben-Hur*, produzido a partir do livro *Ben-Hur: A Tale of the Christ*, de Lew Wallace (1880). Há diversas filmagens, sendo a mais conhecida a do diretor William Wyler, de 1959, e a mais recente de 2016, com o ator Rodrigo Santoro no papel de Jesus.

Não podemos nos esquecer que o Império Romano não era limitado à cidade de Roma, e que, portanto, conforme os povos conquistados foram sendo incorporados à sociedade, eles também passaram a ter participação política, chegando, inclusive, a adentrarem na ordem os senadores da cidade de Roma, como já comentamos. O primeiro imperador vindo de uma província romana foi Trajano, que governou de 98 a 117. Trajano era da Bética, na atual Espanha.

O Império Romano em 117



Fonte: Wikimedia Commons

Todas estas categorias jurídicas das ordens sociais, dos escravos e dos libertos, refletiam as formas de dependência estabelecidas entre as camadas superiores e camadas inferiores da sociedade romana.

Há ainda outras questões que regulavam as relações sociais no Principado Romano, e estas eram as diferenças entre homens e mulheres, especialmente nos grupos superiores economicamente. Os cidadãos romanos deveriam ser viris, e isso significava não apresentar características ditas “femininas”. Por exemplo, a pele bronzeada era sinal de que eles praticavam atividades físicas, ao contrário das mulheres, que deveriam ter a pele branca por, em regra, deverem estar mais limitadas ao lar. Eles também deveriam manter as axilas depiladas e a barba aparada, mas o cuidado excessivo com o corpo era uma característica que eles acreditavam ser feminina. Da mesma forma, demonstrações de afeto em público não eram bem vistas, pois a sensibilidade também era algo atribuído naquela cultura à mulher.

Esse desprezo por características atribuídas às mulheres também se estendia aos relacionamentos entre dois homens. Sim, era comum que os cidadãos romanos (chamados de *uir/vir*, de onde se originam as palavras virtude e virgindade, por exemplo), casados ou não com mulheres, mantivessem amantes do sexo masculino. Esse amante deveria, segundo a moral aristocrática, ser um jovem – nesse caso aquele que ainda não tinha barba – escravo, chamado de *puer*. Assim como as mulheres, os escravos e os jovens eram considerados inferiores aos cidadãos e, assim, relações entre homens adultos de mesmo nível social estavam vetadas.

O autor Suetônio, do século II da era comum, no livro “As vidas dos doze Césares”, relata que apenas o imperador Cláudio se interessava exclusivamente por mulheres, e que todos os outros tiveram meninos ou homens como amantes. O imperador Adriano (que governou de 117 a 138), apaixonado pelo jovem Antínoo, mandou construir uma grande quantidade de bustos e estátuas em sua homenagem, como mostra a figura abaixo:

Antínoo Capitolino, estátua descoberta na Vila Adriana e atualmente preservada nos Museus Capitolinos, em Roma



Fonte: Wikimedia Commons

Portanto, a existência de regras não significa que as pessoas as seguissem estritamente. De fato, há inúmeras fontes históricas em que os escritores daquela época debocham de homens e mulheres que não obedecem aos padrões estabelecidos. Em trechos de críticas abordando questões sexuais, é feita referência também a mulheres que, contrariando a passividade que se esperava delas, mantinham relações com outras mulheres como se fossem homens *viris*. Sobre elas, a não ser quando cometiam atitudes consideradas escandalosas, não havia normas que

definiam como deveriam ser suas relações amorosas com outras mulheres, como havia para os homens, já que elas não eram cidadãs.

Como as características femininas eram malvistas, os cidadãos romanos deveriam conviver constantemente reprimindo quaisquer desses trejeitos que eles pudessem apresentar. Isso também acabava deixando as mulheres em um segundo plano, em uma posição inferior, já que tudo o que era feminino era ruim.

A partir das questões abaixo, **discuta** com seu/sua professor/a e seus/suas colegas a **relação entre o conteúdo estudado com o mundo atual**:

- 1) Quais diferenças você consegue encontrar entre a sociedade do Principado Romano e a sociedade atual?
- 2) Há alguma semelhança entre “coisas de homem” e “coisas de mulher” naquela época e atualmente? Se sim, quais são?
- 3) Sobre a mulher:
 - a) Quando você pensa em “feminino”, que características vêm à sua cabeça?
 - b) Na sua opinião, todas as meninas e mulheres correspondem a estas características?
 - c) Elas são exclusivas de meninas ou há meninos que também as apresentam?
 - d) Características femininas são vistas como negativas no Principado Romano. Elas são hoje também? Por quê?
- 4) Sobre o homem:
 - a) O que você pensa sobre os homens romanos não poderem se mostrar frágeis, sentimentais, sensíveis e afetivos?
 - b) Isso ainda acontece hoje em dia?
 - c) O que você acha que pode acontecer com um menino quando ele tem essas características e as reprime?

Como você viu, a pele bronzeada era sinônimo de virilidade, enquanto que a pele clara era de feminilidade. Para nós, parece estranho!

Da mesma forma, não era mal visto que homens depilassem as axilas, enquanto que atualmente eles não costumam fazer isso. Ainda, para aquela sociedade a relação entre dois homens era algo comum, desde que dentro de determinadas normas que nem sempre eram seguidas, e para a relação entre duas mulheres sequer havia normas, pois isto era para eles algo absurdo, já que as mulheres eram consideradas seres muito inferiores aos homens.

Com isso podemos concluir que...

...Cada sociedade em determinado tempo histórico encara a realidade de um modo diferente. Nenhuma delas está mais certa ou errada que a outra, mas o mais importante a entendermos ao estudarmos a sociedade romana é que a forma como nos comportamos e nos organizamos atualmente não está **fixa** no tempo e no espaço e **não existe desde sempre**, ela é **historicamente construída**. Mesmo quando usamos nossas religiões, nós construímos o que consideramos importante e pertinente para nós nos baseado nos valores destas. Assim, quando se considera que as estruturas sociais que regem nossas vidas não servem mais, elas novamente vão sendo alteradas pelas pessoas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ALFÖLDY, G.. A organização social do Alto Império. In:_____. *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 110-169.

GUARINELLO, Norberto. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, nº 52, p. 227-246 – 2006.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: *vir, virilitas, virtus*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, v.1, p.73-124.

Material elaborado por Dandara Perlin Pereira, acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista do Programa de Licenciaturas – PROLICEN/UFSM e membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da UFSM – GEMAM/UFSM, como parte do projeto História Antiga e fronteiras entre o saber escolar e acadêmico: uma busca de integração por meio da produção de materiais didáticos voltados ao debate de gênero em sala de aula, sob orientação da Prof. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFSM). O material foi apresentado na comunicação “Desprazeres: pensando a repressão da sensibilidade masculina e a desqualificação do feminino no vir romano para o Ensino de História”, na IV Jornada de Estudos do GEMAM/UFSM – Prazeres antigos: comer, jogar e amar na Antiguidade, em 31 de maio de 2017. Posteriormente, entre setembro de 2017 e janeiro de 2018, algumas alterações foram realizadas para esta publicação.